



DOSSIÊ IMAGINAÇÕES DO ANTROPOCENO NA LITERATURA

Entre o antropoceno e o afrofuturismo: *A parábola do semeador*, de Octavia Butler, e *Um céu entre mundos*, de Sandra Menezes

Between the Anthropocene and Afrofuturism: The Parable of the Sower, by Octavia Butler, and *A Heaven Between Worlds*, by Sandra Menezes

Entre el antropoceno y el afrofuturismo: La parábola del sembrador, de Octavia Butler, y *Un cielo entre mundos*, de Sandra Menezes

Raissa Lauana
Antunes da Silva¹

orcid.org/0000-0001-5375-8286
raissa.silva95@edu.pucrs.br

Recebido em: 09 mar. 2024.

Aprovado em: 08 ago.2024.

Publicado em: 18 out. 2024.

Resumo: A literatura contemporânea tem se reinventando através de escritoras/es que propõem novos olhares para os problemas que nos cercam, novas formas de visualizar o amanhã, as quais são capazes de apresentar os impactos das nossas ações enquanto sociedade ou de reconstruir e repensar a realidade em que vivemos. Essas transformações que acontecem no âmbito literário perpassam áreas sociológicas, filosóficas, históricas e, por que não, ecológicas, evidenciando um contato direto da ficção com os espaços que nos cercam, um emaranhamento que nos abre novas discussões, novas temáticas e novas análises literárias. Atentando-se a isso, o presente artigo tem por objetivo criar um diálogo entre o afrofuturismo e o antropoceno, aplicando essas duas discussões na literatura contemporânea para a análise das obras literárias: *A parábola do semeador* (2018), da escritora norte-americana Octavia Butler, distopia escrita em 1993 que aborda o fim da sociedade norte-americana nos anos de 2024 até 2027; e *Um céu entre mundos* (2021), da escritora brasileira Sandra Menezes, utopia que narra o retorno da personagem central para uma Terra que está sendo reconstruída após a degradação humana. Considerando que ambas as escritoras trabalham com a literatura afrofuturista, ou seja, são escritoras negras pensando através da ficção científica novas ideias de futuro, o presente artigo entrelaça a literatura negra com o antropoceno. As duas narrativas serão atravessadas por esse diálogo teórico, a fim de revisitar e repensar a literatura afrofuturista também como uma literatura que dialoga com a desconstrução e com a reconstrução do mundo. Para tanto, parto de uma confluência entre teóricos afrofuturistas, como Mark Dery (1994), Samuel Delany (1984) e Lisa Yaszek (2012), bem como com Malcom Ferdinand (2022), para pensar a literatura afrofuturista a partir do livro *Uma ecologia decolonial*.

Palavras-chave: Afrofuturismo. Antropoceno. Octavia Butler. Sandra Menezes.

Abstract: Contemporary literature has been reinventing itself through writers who propose new perspectives on the problems that surround us, new ways of visualizing tomorrow, which can present the impacts of our actions as a society or of reconstructing and rethinking reality in that we live. These transformations that take place in the literary sphere permeate sociological, philosophical, historical and, why not, ecological areas, demonstrating direct contact between fiction and the spaces that surround us, an entanglement that opens new discussions, new themes, and new literary analyses. Bearing this in mind, this article aims to create a dialogue between Afrofuturism and the Anthropocene, applying these two discussions in contemporary literature to analyze literary works: *The Parable of the Sower* (2018), by the North American writer Octavia Butler, dystopia written in 1993 that addresses the end of North American society in the years 2024 to 2027; and *A sky between worlds* (2021), by Brazilian writer Sandra Menezes, a utopia that narrates the return of the central character to an Earth that is being rebuilt after human degradation. Considering that both writers work with Afrofuturist literature, that is, they are black writers thinking through science fiction new ideas for the future, this article intertwines black literature with the Anthropocene. The



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

two narratives will be crossed by this theoretical dialogue, to revisit and rethink Afrofuturist literature also as a literature that dialogues with the deconstruction and reconstruction of the world. To do so, I start from a confluence between Afrofuturist theorists, such as Mark Dery (1994), Samuel Delany (1984) and Lisa Yaszek (2012), as well as Malcom Ferdinand (2022), to think about Afrofuturist literature based on the book *An Ecology decolonial*.

Keywords: Afrofuturism. Anthropocene. Octavia Butler. Sandra Menezes.

Resumen: La literatura contemporánea se ha ido reinventando a través de escritores que proponen nuevas miradas sobre los problemas que nos rodean, nuevas formas de visualizar el mañana, que son capaces de presentar los impactos de nuestras acciones como sociedad o de reconstruir y repensar la realidad en que vivimos. Estas transformaciones que se producen en el ámbito literario permean ámbitos sociológicos, filosóficos, históricos y, por qué no, ecológicos, demostrando un contacto directo entre la ficción y los espacios que nos rodean, un entrelazamiento que abre nuevas discusiones, nuevos temas y análisis literarios. Teniendo esto en cuenta, este artículo pretende crear un diálogo entre el afrofuturismo y el Antropoceno, aplicando estas dos discusiones en la literatura contemporánea para analizar obras literarias: *La parábola del sembrador* (2018), de la escritora norteamericana Octavia Butler, distopía escrita en 1993 que aborda el fin de la sociedad norteamericana en los años 2024 al 2027; y *Un cielo entre mundos* (2021), de la escritora brasileña Sandra Menezes, una utopía que narra el regreso del personaje central a una Tierra que se reconstruye tras la degradación humana. Considerando que ambos escritores trabajan con literatura afrofuturista, es decir, son escritores negros que piensan a través de la ciencia ficción nuevas ideas para el futuro, este artículo entrelaza la literatura negra con el antropoceno. Las dos narrativas serán atravesadas por este diálogo teórico, con el fin de visitar y repensar la literatura afrofuturista también como una literatura que dialoga con la deconstrucción y reconstrucción del mundo. Para ello, parto de una confluencia entre teóricos afrofuturistas, como Mark Dery (1994), Samuel Delany (1984) y Lisa Yaszek (2012), así como Malcom Ferdinand (2022), para pensar la literatura afrofuturista a partir del libro *Una ecología decolonial*.

Palabras-clave: Afrofuturismo. Antropoceno. Octavia Butler. Sandra Menezes.

Introdução

E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.
(Ailton Krenak)

Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim.
(Nêgo Bispo)

Um mundo perdido. O mundo colonial e colonizado está à deriva. Como solucionar os problemas ambientais que nos cercam? Como sobreviver a um fim que parece tão próximo? Como adiar o fim do mundo, assim como propõe Ailton Krenak (2020)? Como os atravessamentos de raça e ecologia podem dialogar para a construção desse (ou desses) novo(s) mundo(s)? Fato é que, assim como Krenak (2020) declara, o fim do mundo para negros e indígenas já aconteceu e acontece diariamente. Vivemos em uma distopia. Em uma busca por sobrevivência. Uma tentativa de adiar um fim que existe há mais de 500 anos. Agora, um novo fim se constitui. Ou será o mesmo, reinventado e reordenado?

Essas questões nos levam à literatura, a dois nomes que dialogam sobre fim, recomeço, reconstrução e natureza: Octavia Butler, uma das precursoras da literatura afrofuturista norte-americana; e Sandra Menezes, escritora brasileira de afrofuturismo. Como ambas podem nos ajudar a pensar um diálogo entre antropoceno e afrofuturismo? Será que essas escritoras abordam questões relacionadas ao meio ambiente em seus textos literários? Como a partir de suas obras podemos pensar no fim da fratura colonial e ambiental, conceito proposto por Malcom Ferdinand (2022) em *Uma ecologia decolonial*?

Em *A parábola do Semeador*, obra publicada em 1993 pela escritora norte-americana Octavia Butler (2018), a reconstrução da relação das personagens com a natureza permeia a narrativa. Vivendo em um mundo distópico, as personagens se veem frente a uma destruição, uma desconexão e um afastamento entre humano/natureza e buscam em uma nova filosofia seu recomeço. Enquanto isso, em *Um céu entre mundos*, de Sandra Menezes (2021), narra-se a destruição do planeta e a construção de uma vida além-Terra. Ao saberem o que foi feito errado, as personagens de Sandra Menezes buscam, em um novo espaço, preservar e evitar a construção de um novo fim em um novo planeta. Ambas as escritoras, em suas respectivas narrativas, abordam questões que se atravessam, em uma confluência poética, dois rios que se encontram para criar um diálogo literário e teórico.

Partindo dessas duas narrativas, proponho neste artigo uma leitura do afrofuturismo também como possibilidade de pensar o antropoceno. Desejo pensar como a literatura negra também pode contribuir para o combate à destruição do meio ambiente, uma vez que a relação construída fora do eixo colonial propõe uma forma de lidar com a natureza díspar daquela estabelecida pelo colonizador. Com isso, o presente artigo, primeiramente, fala sobre a relação entre afrofuturismo e antropoceno em uma confluência teórica, para, posteriormente, trazer as obras literárias selecionadas que serão apresentadas e analisadas em prol de um encontro entre o antropoceno e o afrofuturismo.

O afrofuturismo atravessado pelo antropoceno

Falar sobre afrofuturismo e antropoceno nos obriga a retomar conceitos para pensar em como essas imagens são construídas na literatura. Faz-nos retomar Mark Dery (1994), Samuel Delany (1984), Malcom Ferdinand (2022), Lisa Yaszek (2012) e tantos/as outros/as que irão auxiliar na articulação ou na confluência entre duas teorias que parecem não seguir o mesmo fluxo, mas que quebram paradigmas previamente estabelecidos ao pensá-las por meio da ficção científica.

Cuti (2010), ao falar sobre a literatura negro-brasileira, traz-nos um olhar de amplitude, uma vez que, para ele, a literatura escrita por pessoas negras é capaz de nos apresentar uma outra realidade, uma outra cosmopercepção de vida, de história, de mundo. Aliado a isso, podemos atualizar esse debate para uma amplitude que inclui o futuro, uma literatura que não está resgatando apenas uma identidade, mas que é atravessada por outras questões contemporâneas, que conflui em direção a um pensamento contracolonial de inúmeras formas.

O afrofuturismo, termo cunhado pelo teórico Mark Dery (1994) em entrevista com Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose, é uma ampliação dos debates relacionados a questões raciais, os quais se estendem para a ficção científica que versa sobre alienação, exploração, abdução e

tantos outros temas. Dery (1994), de forma introdutória, apresenta uma questão referente à ausência de escritoras/es negras/os de ficção científica. Para ele,

[...] é especialmente desconcertante à luz do fato de que afro-americanos, em seu sentido bastante real, são descendentes de pessoas abduzidas por alienígenas; eles habitam um pesadelo sci-fi em que campos de força invisíveis, mas não menos inatracáveis, frustam seus movimentos; em que histórias oficiais desfazem o que foi feito; em que a tecnologia é frequentemente aplicada sobre corpos negros (marcações com ferro em brasa, esterilização forçada, o Experimento com sífilis de Tuskegee e armas de choque vêm rapidamente à mente. Além disso, o desprestigiado da ficção científica como um gênero comercial de massas na literatura ocidental reflete a posição subalterna a qual os negros foram relegados através da história americana (Dery, 1994, p. 16, tradução nossa).

Essas inquietações de Dery de forma teórica escancaram uma adversidade enfrentada por inúmeros/as escritores/as de ficção científica que, talvez de forma esparsa, lutavam para entrar em um cenário hegemonicamente branco e masculino. Ao criar esse paralelo entre as dificuldades enfrentadas pela população negra como uma correlação direta com a ficção científica, Dery (1994) nos apresenta uma proposta teórica para esses/as escritores/as de afrofuturismo, os/as quais passarão a adotar o termo cunhado pelo teórico, mas não sem afirmar a existência de uma produção literária, artística e musical anterior ao termo, bem como não deixarão de condenar a necessidade de um teórico branco para a validação e o destaque de um movimento que até então era marginalizado dentro da ficção científica.

Sheere R. Thomas (2000), em *Dark matter: a century of speculative fiction from the african diaspora*, cataloga uma extensa participação de escritores/as negros/as de ficção científica nos Estados Unidos, o que reforça a noção de que o afrofuturismo não é um movimento recente, mas trabalhado e difundido desde 1887, com o conto *The goophered Grapevine*, de Charles W. Chesnutt (1887). Além desse conto, podemos citar o romance de Sutton Griggs (1872), *Imperium in imperio*, que não consta no levantamento de

Thomas (2000), bem como o conto *O cometa*, de Dubois (2022), publicado e traduzido pela editora Fósforo em 2022. Essas narrativas nos mostram a renovação da ficção científica, assim como da literatura negra, que se inicia nos Estados Unidos, mas que se expande para o Brasil e diversos outros países.

A teórica Lisa Yaszek (2012), em *Raça na ficção científica: o caso do afrofuturismo*, resgata nomes importantes para o afrofuturismo e busca auxiliar a sedimentar os 150 anos deste movimento. Para ela, o afrofuturismo é:

[...] a ficção especulativa ou a ficção científica escrita por autores afrodiáspóricos e africanos, um movimento estético, global que abrange arte, literatura, música e academia [...]. Artistas afrofuturistas têm interesse em recuperar as histórias negras e pensar em como essas histórias permeiam toda uma variedade de culturas negras hoje em dia. Também querem pensar em como nossas histórias e culturas poderiam inspirar novas visões do amanhã (Yaszek, 2012, p. 141, tradução nossa).

Inúmeros teóricos como Dery (1994), Yaszek (2012), assim como escritoras/es tentarão definir o afrofuturismo. De forma resumida, nesses textos publicados por eles/as, podemos pensar o afrofuturismo a partir de quatro critérios: a) autoria negra; b) personagens centrais negros; c) agenciamento e consciência racial tanto dos/as autores/as quanto do enredo que propõem; d) a presença de elementos da ficção científica. Caso não estejam presentes esses critérios, a obra ou o conto fogem da esfera afrofuturista, sendo reclassificados, uma vez que o afrofuturismo parte desses parâmetros basilares.

Diferente do contexto de 1994, hoje, escritores/as afrofuturistas se proliferam, dando corpo a esse movimento e propondo ampliações para olhar a produção de escritoras/es negras/os. Filmes como *Pantera Negra* (2018) e *Black is King* (2020) catapultaram o movimento afrofuturista para um novo nível ao ingressarem no mercado cinematográfico. O afrofuturismo hoje é um movimento sólido, não sendo mais uma teoria/literatura nichada. Ainda existe, de fato, o reconhecimento de apenas alguns/algumas escritores/as afrofuturistas, limitando o mercado;

porém, o surgimento de editoras especializadas em afrofuturismo, como a editora brasileira Kitembo, que lança apenas coletâneas e romances afrofuturistas, traz um novo olhar para essas produções. Mesmo que devido a essa difusão do afrofuturismo questionemos algumas abordagens que são flexibilizadas, repensadas e questionadas a partir do ingresso de novos/as escritores/as, não podemos perder de vista os motivos primários que levaram a uma discussão sobre e as potencialidades da literatura afrofuturista para a reconstrução de nossos futuros, bem como suas características basilares.

Além desse olhar classificatório, não menos importante é termos um olhar filosófico e sociológico para o afrofuturismo. Resgato aqui Samuel Delany (1984), em seu texto *A necessidade de amanhã*, que fala sobre uma fábrica que constrói e/ou destrói futuros. Essa que, muitas vezes, inviabiliza no futuro a existência de pessoas negras assim como faz no presente. Essa que precisa por nós ser também apropriada para que pensemos futuros outros, para que nossos sofrimentos não sejam elementos metafóricos, para que possamos também compartilhar nossos conhecimentos de passado e presente que podem ajudar a modificar o que o futuro até então nos parece, pois "Precisamos de imagens do amanhã; e nosso povo necessita mais do que tudo. Sem uma imagem do amanhã, somos encurralados por uma história, economia e políticas cegas, para além do nosso controle" (Delany, 1984, p. 183, tradução nossa).

Mas como a literatura afrofuturista dialoga com o antropoceno? Como ela, tão preocupada com a reconstrução da história de seu povo e com a denúncia das violências no tempo presente, poderia também apresentar debates ecológicos ou propor formas de lidar com a natureza? E o que é o antropoceno?

Malcom Ferdinand (2022, p. 19), em *Uma ecologia decolonial*, dirá que o antropoceno é um termo que "designa a nova era geológica que sucede ao Holoceno, na qual as atividades dos humanos se tornam uma força maior que afeta de forma duradoura os ecossistemas da Terra". Ao pensar questões de raça e de meio ambiente, Ferdinand (2022) fala

sobre fraturas que dividem, primeiramente, o ser humano da natureza (fratura ambiental) e, num segundo momento, na fragmentação ocasionada pela escravização, a qual criou a divisão de brancos e não-brancos (fratura colonial).

Essa fratura colonial, segundo o teórico, colocou aqueles/as considerados/as não-brancos em situações de desigualdade, sendo desumanizados e destituídos de quaisquer direitos restritos aos brancos, apesar do fim da escravidão. Para além de outros problemas de raça, essas fraturas geram uma discussão sobre a ausência de preocupação por parte de pessoas não-brancas quanto aos problemas relacionados com a crise climática. Para alguns ambientalistas, o debate sobre ecologia não estaria ocorrendo entre pessoas negras, amarelas e indígenas, uma vez que "Da universidade às arenas governamentais e não governamentais, os movimentos críticos da fratura ambiental delimitam um espaço Branco e majoritariamente masculino no seio de países pós-coloniais, pluriétnicos e multiculturalistas" (Ferdinand, 2022, p. 22). Por essa exclusão de diálogos raciais dentro do pensamento ambientalista, quando o pensamento antirracista se intensifica, há a construção de um distanciamento deste para com as questões envolvendo o meio ambiente, o que "designa o muro espesso entre as duas fraturas ambientais ecológicas, a dificuldade real de pensá-las em conjunto e de manter, em compensação, uma dupla crítica" (Ferdinand, 2022, p. 24).

No entanto, a meu ver, a ideia de que pessoas negras não estariam a par de uma discussão ecológica é uma falácia, uma vez que essas enfrentam diariamente os impactos ocasionados pelas grandes empresas que poluem os rios, exploram e desmatam áreas que deveriam pertencer apenas à população indígena, ou quando foram pessoas negras as mais afetadas pelas últimas crises humanitárias brasileiras, em que a primeira pessoa a morrer por COVID-19, no Brasil, foi uma mulher negra e empregada doméstica. Com todos esses fatores, como podemos dizer que não há um conhecimento por parte das pessoas negras sobre a devastação do meio ambiente e seus impactos? E como podemos pensar que não existe uma proposta de relação com o meio

ambiente que fuja da lógica vigente até então, que não tenha sido construída pelos colonizadores? Pensar no meio ambiente sem o atravessamento de raça, classe e gênero é uma fratura. Pensar que sujeitos negros não fazem parte dessa discussão e não propõem novas formas de olhar e pensar o antropoceno é uma fratura.

Uma questão que deve e pode ser debatida a partir dessa necessidade é a relação dispar do sujeito negro, indígena e amarelo com a Terra, o que já o coloca em vantagem em relação ao sujeito branco no debate ambiental. Enquanto sujeitos brancos buscam uma salvação vazia, é no retorno de práticas não-brancas que encontramos uma luta pela salvação do meio ambiente. Antônio Bispo dos Santos (2023), conhecido como Nêgo Bispo, em *A terra dá, a terra quer*, apresenta-nos um modo de vida quilombola contracolonial, em que se tem uma relação de vida com a natureza diversa do que está presente nas grandes cidades. Santos (2023) narra os impactos da colonização na separação dos organismos e na consciência em relação à comunidade e à natureza, ou seja, na ausência de um equilíbrio coletivo. Essa discussão é atravessada pelas questões raciais, direcionando nosso olhar para uma existência além das lógicas de destruição construídas e perpetuadas pelos sujeitos brancos. Santos (2023) respalda um discurso do pensamento afroconfluyente que questiona o modo de vida colonial que sustenta o antropoceno e que causou a destruição da natureza e a lógica de desequilíbrio. Porém, mesmo com as discussões propostas por Santos (2023) e por Krenak (2020), ainda existe uma ideia errônea de uma não aproximação entre questões de racialidade e de meio ambiente, quando, na verdade, temos sim uma outra cosmopercepção, a qual irá se relacionar de forma diferente com a realidade ambiental. Essa cosmopercepção dispar pode propor novos caminhos, pois pessoas negras e indígenas são as mais impactadas, por exemplo, com o racismo ambiental, a falta de planejamento público que proteja suas residências e a falta de saneamento básico, entre tantos outros fatores.

E como a literatura pode nos mostrar um diálogo afroconfluyente entre o pensamento racial

negro e o antropoceno? Como a dupla criticidade pode estar presente em nossos textos literários mostrando que sim, a literatura nos apresenta novos horizontes que talvez a teoria ainda não tenha alcançado?

Como disserta Ursula K. Le Guin (2021, p. 6), em seu texto *A teoria da bolsa da ficção*:

A ficção apropriadamente concebida, como toda ficção séria, por mais engraçada que seja, é uma maneira de tentar descrever o que de fato está acontecendo, o que as pessoas realmente fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com todo o resto do vasto saco que é o mundo, este útero de coisas, esta imensa barriga que é o universo, este imenso túmulo de coisas que foram, esta estória sem fim.

Se passamos pelo antropoceno, se todos os dias vemos os impactos ambientais que nos cercam, as enchentes, os desmatamentos, os assassinatos ocasionados por uma tentativa de destruição completa da natureza, por que o afrofuturismo não estaria falando sobre isso? Por que a ficção científica negra também não estaria propondo ideias para adiar o fim do mundo, ou desembranquear a forma com que lidamos com a natureza, a qual foi construída pelo sujeito colonial? A partir dessa discussão, trago duas narrativas afrofuturistas que apresentam: a) autoria negra; b) protagonismo negro; c) os impactos do homem na natureza; e e) formas de reconstruir a relação do ser humano com aquilo que o cerca.

2. Octavia e o fim do mundo

A narrativa de Octavia Butler, escritora afrofuturista norte-americana, leva-nos a um mundo distópico entre os anos de 2024 e 2027. Nesse universo destruído por fatores ambientais e políticos, uma jovem, que inicia a história com 15 anos de idade, precisa sobreviver em um mundo devastado e desconectado das lógicas ambientais. Em uma passagem introdutória, Lauren narra uma lembrança, apresentando-nos seu universo. Ela e sua madrastra olham para o céu e veem as estrelas que remetem a um passado anterior à destruição:

— Não conseguimos ver *tantas* estrelas quando eu era pequena — minha madrastra me conta [...].

— Por que vocês não conseguiam ver as estrelas? — pergunto a ela. — Todo mundo consegue vê-las. [...]

— Luzes da cidade — diz ela. — Luzes, progresso, crescimento, todas as coisas que a temperatura e a pobreza não permite nos preocuparmos.

[...]

— Há luzes na cidade agora — digo a ela. — Elas não escondem as estrelas.

Ela balança a cabeça.

— Não há tantas quanto havia antes, nem de perto. As crianças hoje não têm ideia de como as cidades eram brilhantes, e nem faz tanto tempo assim (Butler, 2018, p. 14-15).

Esse trecho situa-nos quanto às consequências do progresso desenfreado da humanidade, que ocasionou a destruição da sociedade moderna. A madrastra de Lauren, por meio de um diálogo sutil, apresenta-nos o fim da vida como conhecemos hoje. A diminuição das luzes da cidade torna-se uma marca distópica de toda uma organização social. O cenário de devastação é apresentado como uma ambientação do fim do mundo, mas também um espaço para reconstrução, como veremos adiante.

Nos diários de 2024 até o ano de 2027, Lauren e sua família moram no bairro murado de Robledo, a 32 quilômetros de Los Angeles. Ali, eles vivem em uma comunidade ainda ligada ao que existe no exterior, uma vez que o pai de Lauren é professor universitário, assim como tantos outros/as personagens que deixam os muros de Robledo para buscar recursos básicos para sua sobrevivência ainda dentro de uma lógica capitalista. Em uma passagem, ela relaciona a ausência de dinheiro para a compra de suprimentos básicos como a água, evidenciando a estrutura e a decadência da vida em sociedade:

O preço da água subiu de novo. E eu soube pelo noticiário de hoje que mais vendedores estão sendo mortos. Os mascates vendem água aos sem-teto e aos moradores de rua — e às pessoas que conseguiam manter suas casas, mas não pagar as contas. Os mascates têm sido encontrados com a garganta cortada, e o dinheiro e seus carrinhos de mão roubados. Meu pai disse que, agora, a água custa mais do que a gasolina (Butler, 2018, p. 29).

A ausência de água potável de livre acesso para os cidadãos é uma marca da crise climática

presente na narrativa, a qual gera a criação de paliativos para a sobrevivência. Entretanto, como no trecho acima, esses mercados clandestinos levam a um crescimento da criminalidade. Sem o básico, perdem-se noções de sociabilidade e criam-se regras em que a força será o centro e a barbárie a consequência final.

Ao narrar mais à frente a escassez da chuva, Lauren reforça na narrativa os problemas climáticos que permeiam a realidade em que vive. Quando a chuva é anunciada nos noticiários, Cory, madrastra de Lauren, desconfia, visto que há seis anos enfrentavam uma escassez: "Vai ventar [...]. Vento e talvez umas gotas de chuva, ou quem sabe um pouco de frio. Seria bom. É o que teremos" (Butler, 2018, p. 62). Porém, a chuva as surpreende, causando uma comoção entre os moradores de Robledo para que a água fosse captada e reutilizada. Lauren então registra em seu diário: "Nosso telhado está aguentando até agora, e os recipientes que colocamos para fora depois da missa de hoje estão cheios ou se enchendo. Água boa, limpa e gratuita. Pode vir com mais frequência" (Butler, 2018, p. 63).

Apesar da chuva, que traz uma sensação de recomeço e esperança, isso não é duradouro em Robledo. Seguido dela, uma morte assola o bairro. Frente a um instinto de sobrevivência, Lauren decide que deve partir, deixar sua família e recomeçar, repensar sua forma de viver. Ela então enumera os desastres mundiais e a desesperança que se espalha ao conversar com uma amiga:

Os tornados estão acabando com Alabama, Kentucky, Tennessee, e dois ou três outros Estados. Trezentas pessoas mortas até agora. E uma geada está congelando o norte da região central, matando ainda mais gente. E, em Nova York e New Jersey, uma epidemia de sarampo está matando pessoas. Sarampo! (Butler, 2018, p. 79).

A partir desse cenário desolador de violência e destruição ambiental, a personagem germina uma filosofia própria em busca de uma reconstituição do mundo, de uma reordenação da humanidade e da sua relação com seu entorno. Suas ideias não serão compreendidas por muitos, uma vez que olhar para o abismo, assim como o pai da

personagem diz, provoca medo nos mais velhos: "Essas coisas assustam as pessoas. É melhor não falar sobre elas", ele a aconselha, "Mas, pai, é como... como ignorar um incêndio na sala de estar porque todos estão na cozinha e, além disso, os incêndios domésticos são assustadores demais para serem abordados" (Butler, 2018, p. 82).

Apesar de sua insistência, seu pai lhe convence a agir de outra forma, a preparar de forma sutil aqueles que estão no seu entorno. Recorrendo a livros sobre plantas e buscando guardar sementes que serão plantadas ao chegar em seu destino, que ainda é incerto, Lauren vê-se cada vez mais próxima de partir. Porém, antes do fim derradeiro de sua comunidade, ela vê a chegada de uma organização que visa privar e escravizar sujeitos que buscam a sobrevivência. Vê seu irmão e seu pai desaparecerem, seu bairro ser queimado e sua família assassinada. Ela é obrigada a partir e a recomeçar, levando consigo os ensinamentos daqueles/as que perdeu.

Durante sua jornada atravessando os Estados Unidos em direção ao Canadá, ela irá formar um grupo, o qual constituirá os Sementes da Terra. Seu olhar atento e sensível para seu entorno, o qual será guiado por sua síndrome da hiperempatia, que a faz sentir a dor e sangrar junto com o outro, permitirá a ela ver aqueles/as que podem acompanhá-la em sua jornada. Com elas/es, ela enfrentará os desafios de um fim do mundo, as consequências de uma sociedade que chegou ao seu fim. Ela sofrerá, verá a volta de situações escravocratas, a morte de pessoas amadas e o fim de tudo que lhes é mais caro.

Para subverter tudo isso e fugir das inúmeras violências sofridas, ela será responsável por propor uma nova funcionalidade, uma nova forma de viver em comunhão com aquilo que a cerca. A personagem, ao angariar aquelas/es consideradas/os cidadãos de segunda classe ou subalternizados, aqueles/as que seriam excluídos/as e os/as mais afetados/as pelos movimentos políticos e econômicos daquela sociedade escassa de recursos, forma uma espécie de quilombo. Ao se unir em comunidade, em uma forma não contracolonial de organização, sem a cobrança

de valor monetário para a participação como nas cidades industrializadas que surgem ao longo da narrativa, Lauren reestrutura as relações com os seus, trazendo um olhar que constrói, assim como Santos (2023, p. 16) afirma, uma comunidade, a qual “se faz com diversos”.

Ao chegar em seu destino, o grupo Sementes da Terra instala-se nas terras de um dos personagens que será o futuro marido de Lauren. Essa terra repleta de possibilidades coloca em prática o diálogo comunitário que Lauren almeja construir. Ao chegar lá, ela vê as inúmeras possibilidades de vida para além da existência que tinha até então e aponta isso para os demais:

— Podemos construir uma comunidade aqui — repeti. — É perigoso, com certeza, mas, que inferno, todo lugar é perigoso, e quando mais pessoas estiverem reunidas nas cidades, mais perigoso vai ser. Este é um lugar ridículo para a construção de uma comunidade. É isolado, fica a quilômetros de tudo, sem uma estrada decente que dê acesso a ele, mas para nós, por enquanto, é perfeito (Butler, 2018, p. 396).

Apesar de uma certa resistência, Lauren e os seus encerram a primeira parte dessa duologia com a esperança de sobreviver e reconstruir a partir do fim do mundo, deixando a fratura colonial e ambiental e saindo do mundo orquestrado pelo colonizador. As personagens, sujeitos escravizados e subalternizados, serão os responsáveis pela construção dessa nova realidade e passarão a viver em uma confluência, na qual seus conhecimentos serão compartilhados e utilizados para formular essa nova realidade e, possivelmente, expandi-la. Eles tentarão formar uma relação equilibrada entre si e a natureza, um espaço em que não serão mais vítimas do colonialismo e das estruturas deixadas por ele, bem como subverterão o antropoceno utilizando-se dele, assim como afirma Anna Tsing, em *The Mushroom at the end of the world* (2015), sobre o cogumelo matsunake, que germina e se ambienta em uma nova realidade. Isso tudo em uma narrativa afrofuturista em que Lauren, uma jovem negra de 18 anos, é a difusora dessa filosofia de vida, de um novo olhar para o mundo além apenas da destruição, para que se possa plantar e semear a

natureza e as noções de comunidade, para que Deus seja mudança e todas/os sejam Deus, para que a mudança seja irrefreável.

Sandra e o recomeço

Quanto tempo mais será preciso para que se alcance o entendimento de que nada adiantará conquistar outros planetas se a consciência da preservação não for considerada como a maior das conquistas?
(Sandra Menezes)

No romance afrofuturista lançado em 2021, pela Editora Malê, a escritora carioca Sandra Menezes apresenta-nos Karima, a personagem central da narrativa. Uma jovem negra, filha de um ministro e de uma das responsáveis por arquivar a memória de Wangari, após ser sequestrada por um adversário de seu pai, vê-se em direção à Terra. Nascida em Wangari, exoplaneta descoberto por descendentes africanos, Karima não conhece o planeta que serviu de casa para os seus antepassados, o qual foi abandonado por aqueles/as que encontraram recursos e um novo lar capaz de salvá-los da destruição colonial. Enquanto acompanhamos seu resgate e sua viagem para o único local capaz de escondê-la de Saburi que, temeroso pela possibilidade de uma ascensão de Karima ao poder em um futuro distante decide sequestrá-la e assassiná-la, descobrimos as marcas de uma destruição causada pelo ser humano ao planeta Terra, bem como uma tentativa de preservar a natureza em Wangari.

Saburi, inimigo de Malique, pai de Karima, surge como um personagem que tenta replicar a destruição da Terra em Wangari, mesmo com o equilíbrio construído no novo planeta:

Saburi já havia sido ministro em Wangari, mas acabou destituído, pois seus planos de exploração das riquezas naturais, como a extração de minério do solo, uso de substâncias tóxicas para lapidação de pedras preciosas, corte indiscriminado de madeira, e outras formas de acumular riquezas não foram aceitos (Menezes, 2021, p. 23).

Esse trecho inicial nos aponta para um posicionamento contrário à devastação do meio ambiente por essa organização social/política.

Com isso, a personagem nos apresenta uma realidade em que esses sujeitos negros descendentes de africanos constroem relações saudáveis com a natureza desse novo espaço. Eles/as, a partir de ideias africanas, buscam um equilíbrio, uma reordenação. Porém, essa decisão ética/política contrária aos Saburi leva à perseguição de Karima e sua quase morte. O personagem Saburi representará o ser humano corrompido pelo poder, aquele que ainda vive dentro de uma lógica branca quanto à exploração dos recursos da terra, enquanto Karima e os demais tentam uma preservação do espaço que habitam, uma preocupação ambiental que constrói uma relação direta entre o sujeito negro, a preservação do meio ambiente e o antropoceno.

Karima, por ser engenheira ambiental, reforça a relação entre a ecologia e as questões raciais durante toda a narrativa. Ela e os negros de Wangari representam um grupo de africanos que, capazes de planejar e executar uma viagem extraplanetar, construíram uma nova forma de viver, assim como os personagens em *A parábola do semeador*, de Octavia Butler (2018), almejam. Esse local idílico formado por seus antepassados é narrado logo nas primeiras páginas do livro:

Essa realidade me fez pensar em Wangari como um presente de Deus, descoberto pelo nosso povo e organizado com uma sociedade há muito tempo sonhada por nossos ancestrais. Um lugar para se viver sem discriminação, com respeito à existência de qualquer ser, sem poluição do ar ou sonora, com os bens básicos garantidos a todos. Essa era a história que nos estava sendo contada desde a infância, pelos mais velhos, nas rodas de conversas e ensinamentos, e nos grandes encontros familiares que há anos acontecem em nossa grande cidade. Com certeza, em alguma medida, permanece a utopia dos fundadores diante da visão esplendorosa da natureza do meu planeta natal, com suas florestas, águas límpidas, sob um imenso céu repleto de astros e estrelas (Menezes, 2021, p. 81).

Essa imagem entra em contraste com a devastação e a busca por um resgate do planeta Terra conforme Karima aproxima-se do fim de sua viagem. Ao olhar uma amostra de água de dois séculos atrás, tirada da Terra, a personagem vê o antropoceno:

As florestas estavam devastadas, e a falta de chuvas fez com que ricos e pobres se enfrentassem nas cidades, disputando um copo de água potável. Nos comparativos com as amostras de hoje, concluímos que a recuperação vem acontecendo lentamente, e as previsões são de que, aos poucos, novas aglomerações urbanas poderão ser construídas em regiões onde antes não mais seria possível erguer sequer uma pequena vila. Grande parte da área montanhosa da Terra foi muito afetada, os espaços urbanos ficaram comprometidos e há pessoas no planeta que até hoje não acreditam em sua recuperação (Menezes, 2021, p. 39).

Essa conversa entre Karima e Ernesto, cientista que acompanha a viagem da jovem, apresenta-nos uma marca de destruição, uma marca do antropoceno. Outras mais aparecerão, principalmente quando a narrativa passa a focar em Galeano, homem contratado por Saburi para construir um drone capaz de assassinar Karima assim que ela chegar ao planeta Terra. Elas também reforçam a fratura ambiental que constituía a forma de vida no planeta Terra, a qual foi transformada em uma consciência crítica ao chegarem a esse novo mundo. Wangari precisa e deve ser preservado, da mesma forma que a Terra pode e deve ser recuperada.

Galeano, diferente de Karima, nasceu, cresceu e teve filhos em um planeta devastado e abandonado. O antropoceno fez parte de seu dia a dia, o que é descrito em inúmeras passagens. Essa vivência constante com a devastação leva-o a um ressentimento para com Wangari, uma vez que tentou ser selecionado para sair da Terra, na qual convivia com a poluição e os problemas climáticos deixados para trás, para salvar sua família, mas não obteve êxito. Essa imagem de ressentimento torna Galeano diretamente afetado pelos problemas ambientais criados pelos seres humanos e pela lógica de exploração que permeia nossas discussões teóricas sobre ecologia e antropoceno, não apenas como espectador da devastação. Esse paralelo entre Karima e Galeano nos permite um olhar amplo, em que conhecemos a reconstrução proposta por Wangari, mas também a devastação deixada para trás.

[...] muitos moradores do interior mudaram-se para as proximidades das faixas litorâneas na esperança de que o ar estivesse mais fresco.

Mas pouco adiantou, pois o planeta continuava superaquecido. Nos oceanos, grandes balsas com suas enormes pás de coleta tentavam reduzir as imensas ilhas de lixo formadas ao longo de séculos, com quilômetros de aglomerados de embalagens plásticas e toda sorte de rejeitos que chegavam às praias. Além do lixo, veio junto o óleo viscoso dos vazamentos de petroleiros [...]. As manchas de óleo começaram a aparecer nas praias em grandes quantidades, e a poluição ficou sem controle (Menezes, 2021, p. 70).

Essa degradação ambiental levou Galeano à perda de sua família. Sem a escolaridade necessária para ingressar em Wangari e sem os recursos para partir, Galeano viu seu próprio fim de mundo:

Os desmatamentos e as alterações na biosfera tinham causado o aparecimento de vírus adormecidos e superbactérias que contaminaram rebanhos bovinos, causando a morte de muita gente pelo contato e consumo de carne. A doença atacou gravemente o coração dos três, e eles foram ficando fracos, até que não conseguiam mais andar, e não resistiram. A esposa morreu primeiro, e os gêmeos viveram mais um pouco, enquanto ainda eram crianças, depois morreram num intervalo de menos de um ano entre um e outro. [...] Milhares de pessoas em todo o mundo ficaram doentes e morreram, pois a doença avançou e foi declarada como pandemia (Menezes, 2021, p. 67).

A perda de sua família é um desses impactos duradouros que lhe atravessam, justificando sua participação no plano de assassinato de Karima. Ele ainda deseja partir da Terra, ainda deseja um local em Wangari ou em Marte ou em qualquer outro espaço livre da devastação que se estende por ali. Ele almeja fugir da causa da morte de sua família, de um planeta que foi assassinado e que assassinou aqueles/as que ele mais amava.

Em paralelo a esse cenário de destruição, Karima, ao chegar ao seu destino, encontra uma comunidade que busca a recuperação do planeta Terra. Dalji, sua companheira de viagem, ao pisar na Terra, reverencia o solo: "Inclinamos nossos corpos um pouco para baixo, numa reverência às águas e às divindades que as habitam. Era o nosso agradecimento ao Planeta Terra" (Menezes, 2021, p. 87). Dali em diante, conhecemos uma tentativa de reconstrução do planeta Terra que será narrada por Karima, por Dalji e pelo mestre

Bomani, o qual retoma as espiritualidades africanas para fundamentá-la. A imagem de Oxóssi, aquele que preserva a natureza, é apresentada a Karima, que passa a perceber uma forma de relação mais aprofundada com a natureza, até mesmo mais profunda do que as propostas por Wangari. Ali, nesse espaço de revitalização da Terra, esses sujeitos veem a natureza como inteiramente ligada ao espírito de cada indivíduo. Dalji será a responsável por resgatar a ancestralidade para reordenar e ensinar Karima sobre a filosofia que os rege.

Enquanto as questões ambientais são tratadas, a personagem também destaca o fator racial, uma vez que seus antepassados fizeram parte de um grupo de africanos que viu a colonização, ou seja, o sequestro e a exploração de mão de obra de muitos/as africanos/as. O personagem Chiok, ao contar sua história, revela a história racial presente na Terra. Os personagens negros de Wangari e os negros que vivem na Terra foram afetados pela colonização e buscaram reformular o mundo a partir de uma ótica de responsabilidade, o que é fundamentado em perspectivas africanas que remetem à espiritualidade. A natureza lhes será sagrada, assim como a reconstrução de suas identidades e de suas memórias.

O fator racial também estará em diálogo durante a narrativa, em referência a uma quebra de expectativa quanto às/aos africanas/os que projetaram a saída de sua comunidade para o espaço, as/os quais se propuseram a encontrar outras formas de sobreviver e construir uma relação benéfica com a natureza, seja na Terra, seja fora dela. Quebrando um paradigma de limitação intelectual, Karima retoma a grande viagem proposta pelos/as seus/suas, que, diferente dos brancos que se refugiaram em Marte, buscaram em Wangari uma nova noção de comunidade, o que permitiu uma preservação desse novo espaço.

Por fim, é visível que Karima carregará durante a narrativa uma grande consciência ambiental. Ao rever a história do planeta Terra, em que os humanos foram alertados sobre os riscos do antropoceno, ela refletirá sobre a exploração de

novos planetas, propondo uma reflexão. Logo, o diálogo sobre o antropoceno, bem como as propostas de revitalização da Terra e a construção de um mundo em harmonia com a natureza, no caso de Wangari, apresenta-nos uma preocupação dessa obra afrofuturista também com o meio ambiente, uma aproximação com um discurso que geralmente é visto como não presente nos debates raciais e na literatura negra. Com isso, podemos dizer que a narrativa olhará para o futuro, proporá uma conexão com o passado e mostrará como a destruição humana pode ser subvertida para o bem de todos.

Considerações finais

A partir de Malcom Ferdinand (2022), meu objetivo neste artigo foi apresentar no afrofuturismo as imagens do antropoceno e a busca por uma ecologia decolonial, uma literatura que propõe um olhar para além das ideias embranquecidas da relação do ser humano com a natureza, um olhar que se desloca e constitui uma relação que foge às regras coloniais, em que podemos "olhar ao redor para notar esse estranho mundo novo e podemos esticar nossa imaginação para aprender seus contornos", como disse Anna Tsing (2015, p. 32). Isso porque o afrofuturismo, assim como outras literaturas de autoria não-branca, pode e deve nos ajudar a olhar a ruína e a partir dela nos ensinar a viver (e não apenas sobreviver) ao antropoceno.

As narrativas afrofuturistas de Butler (2018) e Menezes (2021), protagonizadas por duas jovens negras, apresentam-nos mundos devastados pelo ser humano, mas também possíveis de serem reconstruídos. A literatura afrofuturista, dentro dos recortes temporais de ambas as escritoras, bem como de seus recortes geográficos e sociais, é atravessada pelas questões ambientais que as circundam, trazendo para as narrativas um olhar apurado para as discussões raciais e ambientais que diretamente as afetam.

A meu ver, o afrofuturismo, como uma literatura decolonial e contracolonial, ensina-nos a como sobreviver coletivamente ao futuro que foi construído pela colonização. Ele nos ajuda a propor novas ideias de contracolonização por meio de

um protagonismo negro. Isso porque, como diz Dery (1994), a população negra é a que mais dialoga com temas futurísticos ligados à ficção científica, então porque não estaria a literatura afrofuturista também dialogando com a crise ambiental e propondo novas ideias de mundo? Pois, como declara Lauren (Butler, 2018, p. 366), em *A parábola do Semeador*: "Somos uma colheita de sobreviventes. Mas isso é o que sempre fomos".

Referências

- BLACK is King. Direção: Beyoncé, Kwasi Fordjou, Jenn Nkiru, Emmanuel Adjei, Blitz the Ambassador, Jake Nava. Estados Unidos: Disney+, 2020. 1 vídeo (85 min). Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/black-is-king/7daDvpFdBXP5>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- BUTLER, Octavia Estelle. *A parábola do semeador*. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2018.
- CHESNUTT, Charles Waddell. *The Goophered Grapevine*. In: THOMAS, Sheree Renee. *Dark Matter: a century of speculative fiction from the African Diaspora*. New York: Warner Books, 2000. p. 158-170.
- CUTI, Luis Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DELANY, Samuel Ray. *The necessity of tomorrows*. In: *Starboard wine: more notes on the language of science fiction*. New York: Dragon Press, 1984. p. 23-35.
- DERY, Mark. *Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose*. In: *Flame Wars: the discourse of cyberculture*. Durham: Duke University Press, 1994. p. 179-222.
- DUBOIS, W. E. B. *O cometa: o fim da supremacia branca*. São Paulo: Fósforo, 2022.
- FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial*. São Paulo: Ubu, 2022.
- GRIGGS, Sutton Elbert. *Imperium in Imperio: a study of the negro race*. [S. l.]: Greenbook Publications, 2010.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LE GUIN, Ursula Kroeber. *A teoria da bolsa da ficção*. São Paulo: n-1, 2021.
- MENEZES, Sandra. *O céu entre mundos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.
- PANTERA Negra. Direção: Ryan Coogler. Los Angeles: Marvel, 2018. 1 vídeo (139 min). Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-5aa727c-f-2906-4702-82c3-670f32d7968f>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

THOMAS, Sheree Renee. *Dark Matter: a century of speculative fiction from the African Diaspora*. New York: Warner Books, 2000.

TSING, Anna. *The Mushroom at the end of the world*. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

YASZEK, Lisa. *Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism. A Virtual Introduction to Science Fiction*, 2012. Disponível em: <http://virtual-sf.com/wpcontent/uploads/2013/08/Yaszek.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.

Raissa Lauana Antunes da Silva

Doutoranda em Teoria da Literatura e Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil), bolsista CNPQ e professora de literatura no Colégio João XXIII.

Endereço para correspondência:

RAISSA LAUANA ANTUNES DA SILVA
Rua Demétrio Ribeiro, n. 718, apto 302
Centro Histórico, 90.010-312
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.